

## **EPIFISIÓLISE DOS SUÍNOS: OBSERVAÇÕES E DIAGNÓSTICO**

*Ivo Wentz<sup>1</sup>  
Jurij Sobestiansky<sup>1</sup>  
Paulo R. S. da Silveira<sup>2</sup>*

As claudicações (manqueiras) representam um capítulo importante dentro da patologia suína. As alterações no aparelho locomotor que causam sensações dolorosas e, conseqüentemente, claudicações estão localizadas principalmente nos cascos, músculos, articulações e ossos.

Entre as causas de claudicações, que geralmente são variadas, existe a epifisiólise, que é uma doença do esqueleto caracterizada pela fratura do colo da cabeça do fêmur, causando claudicações súbitas ou prograssivas de diversos graus de gravidade. Ela ocorre principalmente em suínos jovens entre quatro e oito meses de idade, podendo, porém, também ser observada em animais adultos, nos quais entretanto, é mais rara.

E etiologia da epifisiólise é bastante complexa e não existem conhecimentos seguros sobre as causas primárias da doença. Provavelmente a intensificação da criação, o confinamento e o aperfeiçoamento do suíno tipo carne, que tem um desenvolvimento muito rápido promovendo uma pressão mecânica do peso da massa muscular sobre as articulações ainda imaturas, são fatores que contribuem para o surgimento da doença.

O relato dos casos estudados, bem como a descrição dos principais aspectos clínicos e recursos diagnósticos, objetiva informar técnicos e criadores sobre a importância de um diagnóstico precoce e preciso da epifisiólise dos suínos.

### **Aspectos clínicos e de diagnóstico**

Na prática, são encontradas duas formas de manifestação clínica da epifisiólise: (1) aguda, com aparecimento súbito de uma claudicação grave, na qual o animal procura não apoiar o membro doente, e (2) crônica, em que a claudicação inicialmente discreta, agrava-se lentamente.

A forma ocorre geralmente em animais jovens, enquanto que os processos crônicos afetam, via de regra, animais adultos.

Os dois processos podem ser uni ou bilaterais.

Na forma aguda unilateral, o animal procura apoiar a ponta do casco sempre mais para a frente e medial, enquanto que, quando os dois membros estão atingidos, o animal procura ficar deitado e realizar o mínimo de movimentos, levantando somente mediante auxílio. Quando em pé, os membros posteriores permanecem juntos ou apoiados um à frente do outro, sempre na ponta dos cascos, alternando com frequência o apoio dos mesmos. Quando caminha, o passo é encurtado,

<sup>1</sup>Méd. Vet., D. M. V., EMBRAPA–CNPSA

<sup>2</sup>Méd. Vet., B. Sc., EMBRAPA–CNPSA

com apoio cruzado dos membros sempre em diagonal aos anteriores. A linha dorsal se apresenta arqueada, porque o apoio maior é transferido para frente. Em alguns casos, os animais andam apoiados nas articulações do carpo ou apoiam a mandíbula no chão. Após pequenos movimentos, estes animais procuram deitar devido à dor.

Na forma crônica uni ou bilatel, é provável que, com o processo degenerativo primário, ocorra uma reação inflamatória que leva a claudicações leves e até médias. Os sintomas mais graves são observados somente quando ocorre a fratura e são semelhantes aos sintomas da forma aguda. Nestes casos, pode ser observado ainda uma atrofia da musculatura do pernil dos membros comprometidos.

Principalmente nas formas agudas bem como nas crônicas bilaterais, os animais emagrecem rapidamente devido à diminuição do apetite e à dificuldade de deslocamento até o comedouro.

O diagnóstico da epifisiólise pode ser feito com grande margem de segurança pela observação dos sintomas, pela palpação, pela auscultação e pelo raio X como método auxiliar em casos especiais. A inspeção nem sempre é suficiente para a elaboração de um diagnóstico, porque os sintomas podem ser confundidos com artroses, artrites, abscessos na coluna ou lesões nos cascos.

Para os exames da palpação e auscultação, o animal deve estar em decúbito lateral e preferentemente sedado ou anestesiado. Uma mão ou estetoscópio é colcado sobre a articulação coxo-femural e com a outra são realizados movimentos de rotação do membro comprometido. Na epifisiólise, pode ser sentida ou auscultada a crepitação.

## Resultado dos casos observados

No decorrer dos anos 1980 a 1982, foram examinados clinicamente 62 suínos de diferentes raças com claudicações graves, suspeitos de epifisiólise. Para a realização do diagnóstico, os animais foram observados atentamente quanto à manifestação dos sintomas e submetidos a rigoroso exame clínico de palpação e auscultação da articulação coxofemural. Todos os casos foram acompanhados com exame pos-mortem na necrópsia ou mesmo no frigorífico. Apenas dois animais foram submetidos a um exame radiográfico, dada a dificuldade de sua realização na prática e a sua indicação ser somente em casos específicos.

Dos casos examinados, 42 (67,7%) apresentaram epifisiólise. Houve grande predominância de casos bilaterais agudos, (59,5%), (Fig, 1), enquanto nos unilaterais a ocorrência de casos agudos e crônicos foi mais uniforme, com frequência de 19,0% e 16,6%, respectivamente. Nos casos agudos, 14 animais tinham parentesco entre si e estavam distribuídos em 3 diferentes granjas. Ocorreram 24 (57,1%) casos na raça Landrace, sendo os restantes relativos às raças Large White, Duroc e cruzas (L × LW) com 11,9%, 9,5% e 21,4%, respectivamente. A frequência de casos de acordo com a idade dos animais, caracterizou grande predominância (73,8%) da epifisiólise em animais jovens até 10 meses de idade, sendo a maioria sob a forma aguda da doença.

Em todos os casos, pela falta de diagnóstico imediato, houve prejuízos para os criadores devido à aplicação errônea de medicamentos, perda de peso e condenação de parte ou do total da carcaça, além das perdas em desempenho reprodutivo e na eliminação de reprodutores de alto valor zootécnico.

## Conclusões

1. A observação dos sintomas, acompanhada de exames de palpação e auscultação, possibilita o diagnóstico da epifisiólise com grande margem de segurança.
2. Por ser uma doença que não tem possibilidade de tratamento, é importante que o diagnóstico seja feito o mais rápido para se evitar prejuízos.

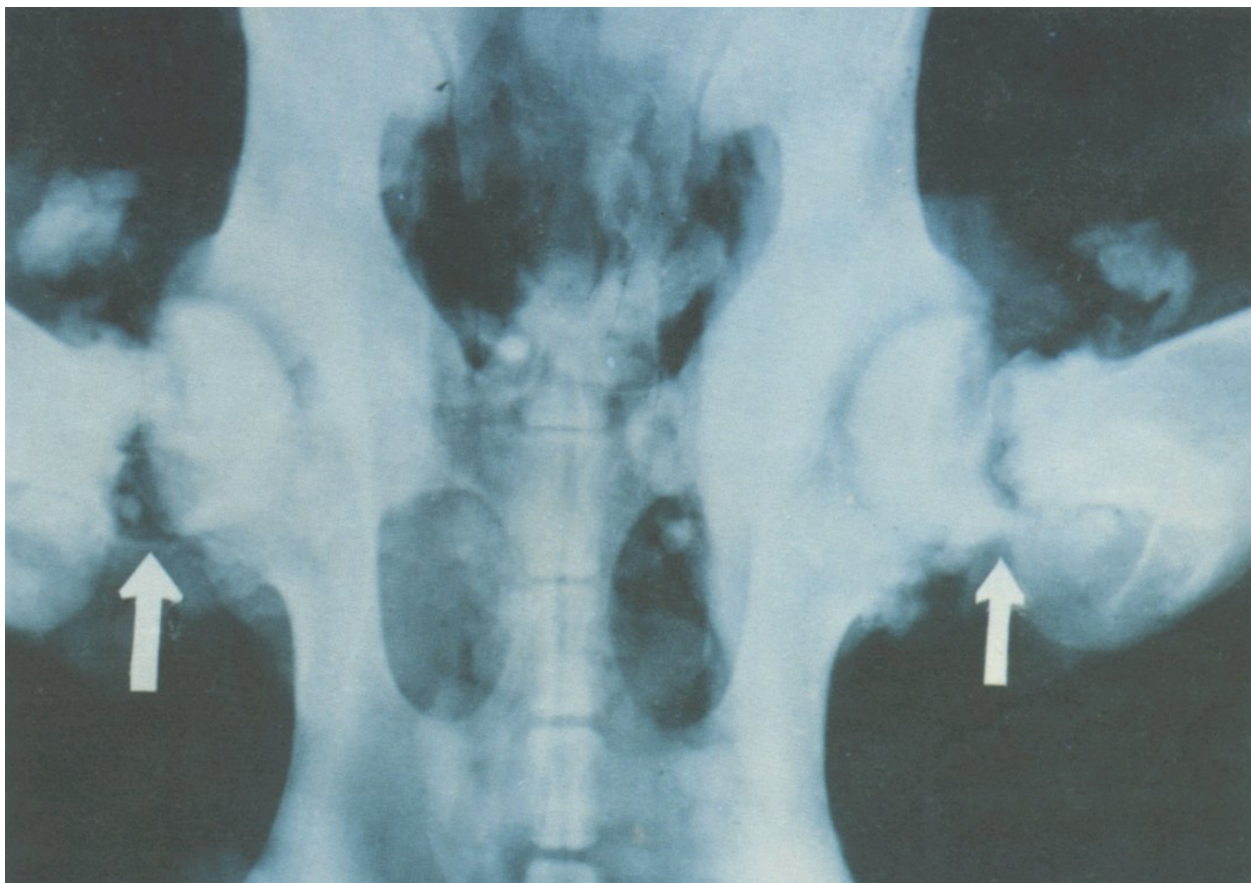


Figura 1 – Radiografia de uma fratura bilateral do colo da cabeça do fêmur – Epifisiólise bilateral.